

À CÔTÉ DE COMPAGNON

A memória pessoal da realização de minha tese arquivou livros, experiências no estrangeiro, conferências, cursos, debates, visitas de colegas e professores brasileiros, manifestações públicas no início dos anos 80, período em que a França perde três de seus mais eminentes intelectuais: Sartre, Barthes e Lacan. Época ainda marcada, no Brasil, pela abertura política, em que iam se desfiando textos de uma narrativa esperançosa e intimista, confessional e utópica, como convinha ao momento. O existencialismo, que nunca havia acertado o passo com o estruturalismo, despede-se de seu maior representante, na mesma semana em que Barthes, de forma mais tímida, deixa órfã a intelectualidade francesa. Éramos espectadores da ressaca pós-estruturalista, causada pelo fim do culto à personalidade e pelo balanço dos tempos eufóricos do estruturalismo.

Inexistia, portanto, um clima de imposição ideológica ou de exclusividade no emprego de métodos ou de teorias. A aceitação de facções heterogêneas do pensamento e de caminhos abertos para a captação da multiplicidade do fenômeno literário delineavam o perfil teórico dessa época. Diante de tal situação, minha atitude intelectual mostrava-se receptiva e igualmente assustada, na tentativa de conviver com soluções provisórias e com a carência de certezas.

Dos seminários no Collège de France, tive a oportunidade de assistir a algumas sessões do curso de Barthes, outras do de Foucault, além de comparecer aos seminários quinzenais de Kristeva, na Universidade de Paris VII. Impressionava-me a forma magistral de ministrar as aulas, o "estilo" conferência, bem como a natureza heterogênea do público, constituído, na maioria, de estrangeiros. O caráter impessoal do relacionamento professor/aluno e o lado espetáculo das sessões do seminário delineavam o espaço dramático do saber, em que se acentuava a distância entre atores e espectadores, principalmente por se tratar de diferentes agentes de interlocução. Essa distância me propiciou uma compreensão mais clara da cultura européia, assim como da necessidade de

me enveredar, por conta própria, por um determinado traçado teórico.

Por essas razões é que pude reler, com outros olhos, textos de Barthes, Foucault e Kristeva, e ir ao mesmo tempo aproximando-me de outros, que, por se imporem de forma mais forte, exerciam grande fascínio na minha escolha. Dentre eles, refiro-me ao trabalho de Compagnon, *La Seconde Main: ou le travail de la citation*, responsável pela atenção especial com que me dediquei aos aspectos escriturais e discursivos presentes em *Macunaíma*. Embora não tenham sido feitas, na tese, alusões constantes a esse texto, ele me proporcionou as condições necessárias para refletir sobre a natureza citacional da rapsódia. Ao acentuar, na composição de um livro, sua dimensão material e o corpo textual que se forma na escrita, Compagnon retoma, diferentemente, questões ligadas à leitura, ao pacto simbólico ou imaginário mantido entre leitor e obra.

Com base na semiologia francesa de tendência psicanalítica, e na semiótica peirceana, o autor problematiza o estatuto do texto citacional com vistas a esclarecer a relação entre sujeito e discurso, a partir de temas como a autoria, a apropriação, a propriedade, o plágio, a escrita de segunda mão e a alteridade como componente de todo discurso. Justifica-se, dessa forma, a ênfase na abordagem de *Macunaíma* pelo viés da configuração icônica e plástica da escrita, ressaltando-se o estudo dos dois epitáfios, o registro diferenciado do dístico, pronunciado ao longo do texto, "Pouca saúde e muita saúva / Os males do Brasil são", bem como o gesto mágico de Macunaíma ao transformar tudo em pedra, assinalando o desejo de gravar escrituralmente os objetos.

Inspirada por essa prática analítica, confesso que realizei nesse trabalho sobre *Macunaíma* o ofício do artesão de costuras miúdas, com lentes de aumento para melhor contato com o tecido. Ampliava os detalhes para delinear as marcas e cicatrizes de seu corpo estruturante: pormenores gráficos desse universo da escrita — aspas, parênteses, reticências e itálicos — que receberam o grifo de Compagnon e eram igualmente pinçados na feitura de meu texto.

Por reconhecer que o contato mais próximo com o material literário constitui uma das formas eficazes de criar a ponte entre a obra e seu contexto histórico, não me foi possível desvencilhar, naquela época, dos limites interpretativos. Durante a defesa da tese, essa posição foi cobrada por Silviano Santiago, membro da Banca, ao me solicitar que pensasse melhor na vinculação de *Macunaíma* com o projeto nacionalista de Mário de Andrade. A pergunta se baseava na minha reflexão sobre o aspecto polissêmico que o termo *pedra* assumia no texto, apontando as restrições trazidas pela análise semiológica, que me impedia de perceber a evidência de sua dimensão cultural. Reproduzo o comentário do crítico, reformulado mais tarde no prefácio dedicado à *Pedra Mágica do Discurso*:

Se a decodificação de Eneida do significante "pedra" aponta para uma "estreita significação entre a escrita e a morte", os significados novos apontam para uma reduplicação emblemática do duelo maior na proposta cultural de Mário de Andrade — pedra tanto designa o nome da cidade em que Delmiro Gouveia plantou a sua indústria pioneira, como se recobre pelo trocadilho cristão, etnocêntrico, que se depreende do nome do gigante vencido: Pedro/pedra (Roma). Oscilando entre o que é pioneiro e o que é etnocêntrico, aflora o nacionalismo pragmático de Mário de Andrade, que não é uma "resposta definitiva", mas uma "solução provisória", como alerta Gilda de Mello e Souza em "Vanguarda e nacionalismo na década de vinte".

Pelo sim e pelo não, é no nacionalismo pragmático que fica a lição de atualidade de Mário. Uma estratégia desconstrutora do processo infernal de ocidentalização do Brasil.⁴⁵

⁴⁵ SOUZA. *A pedra mágica do discurso*, p.22 (Prefácio de Silviano Santiago).

Evidentemente, não cogitava em proceder à análise do texto segundo esse parâmetro, por descartar conscientemente a discussão específica sobre o nacionalismo marioandradino; considerava o tópico demasiadamente complexo, além de bastante explorado por especialistas na área. Desconhecia, contudo, a maneira de articular um diálogo conceitual entre os elementos internos da obra e sua metaforização contextual. A indagação de Silvano Santiago não ficou relegada ao esquecimento, passando a fazer parte de minhas futuras preocupações teóricas, principalmente quando relacionadas a questões de dependência cultural. Ao reescrever a introdução da tese com vistas à publicação, ampliei a discussão sobre o plágio e a memória, a partir do artigo de Silvano Santiago, "Apesar de Dependente, Universal". A "traição da memória", explorada por Gilda de Mello e Souza no seu ensaio, representa para Mário o instrumento eficaz para embaralhar começos e abandonar modelos culturais. É este o procedimento criativo dos cantadores nordestinos, em que o esquecimento atua como artifício astucioso de criação. Redimensionada no seu caráter amplo e historicizado, a "traição da memória" transforma-se em conceito operatório e em antídoto para repensar o problema da dependência cultural entre nós.

Os estudos posteriores que realizei sobre a obra de Mário, enfocando seus ensaios e a correspondência mantida com os amigos, acentuam a relação entre obra e autor, com o objetivo de delinear o perfil do intelectual modernista. Em 1989, por ocasião do lançamento dos livros da Coleção *Archives* e a convite da Editora da UFSC, elaborei um texto sobre o tema da memória no escritor paulista, examinando-o tanto na sua obra ficcional quanto na sua posição de intelectual e de homem público.

Nesse artigo, intitulado "Relíquias da Casa", publicado nos *Papéis Avulsos* do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (CIEC), e, posteriormente, incluído em *Traço Crítico*, ressalto o papel contraditório assumido pelo autor diante da memória. Em várias ocasiões, confessa sua entrega ao caráter provisório da existência, o "deixar-se levar", no lugar de um sacrifício pela conquista da eternidade trazida pela construção de

uma grande obra. Se na criação artística, a "traição da memória" funciona como artifício para se esquecer a longa tradição da cultura, na vida pública o intelectual se lança no projeto de preservação da memória cultural do país.

Ao proceder, no final da vida, à doação do sítio Santo Antônio para o patrimônio nacional — no momento em que efetuava a sua compra — sela aí a sua inscrição e grava a assinatura no espaço cultural brasileiro, por se metamorfosear, igualmente, neste bem cultural oferecido como doação.

Retomo, nessa análise, o fio lançado pela pergunta de Silviano Santiago à minha tese de Doutorado, aproveitando da imagem, em *Macunaíma*, da inscrição sobre a pedra, quando o herói se sente incapacitado para realizar seu projeto nacionalista. Ao instaurar a relação entre a obra e a biografia intelectual de Mário, aceno para a contradição entre o desejo de doar o bem cultural ao país e nele se inscrever, e esse destino provisório que Macunaíma e seu autor colocavam como meta de vida. A abordagem da personalidade do autor como personagem que nasce de sua obra conduz à recuperação do texto andradino e, em especial, à mudança de atitude que hoje assumo diante da crítica literária.⁴⁶

Amplia-se o enfoque textual e imanente da obra literária, efetuado nos dois trabalhos de tese e nos vários ensaios publicados. Com o objetivo de articular internamente os conceitos e transformá-los em instrumentos para a produção de reflexões teóricas e culturais, concede-se à literatura o direito de se desvencilhar de seu espaço de isolamento. Expande-se igualmente a concepção de autor que, desligando-se do teor essencialista da biografia tradicional, retorna ao texto, nas palavras de Barthes, a título de inscrição, enquanto convidado e personagem da festa da escrita. Esse procedimento, embora conserve o seu estatuto semiológico, permite historicizar o sujeito-autor no texto por ele construído e reescrito pelo seu leitor: vida e obra são geradas pelo signo do texto.

⁴⁶ Cf. SOUZA. Relíquias da casa e SOUZA. Mário retorna a Minas.

A crescente publicação dos inéditos de Mário, além da correspondência mantida com os amigos, possibilita o claro traçado de sua obra e a abertura para diferentes perspectivas analíticas. Torna-se cada vez mais inoperante debruçar-se sobre o "grande texto" do escritor, esquecendo-se de sua produção marginal, dos comentários e notas escritas ao lado da obra e dos inúmeros papéis que permanecem à espera de uma leitura mais cuidada. Sua produção intelectual, na sua multiplicidade e grandiosidade, jamais foi tão investigada como agora, resultando em pesquisas que reforçam a intenção de inseri-lo no projeto estético e histórico de construção da moderna cultura brasileira.

Em síntese, o trabalho de tese e a experiência no exterior não se restringiram apenas ao endosso de idéias sofisticadas escondidas no fundo da mala, para serem contrabandeadas, a preço alto, no mercado interno. Macunaíma gerou filhotes e seu discurso, passado de boca em boca, ia-se libertando do sotaque e se incorporava à infidelidade natural que tanto o celebrizou.

Publicada em 1988 pela Editora UFMG e rebatizada com o nome de *A Pedra Mágica do Discurso*, a tese ganhou roupagem nova e trouxe para a capa o "papagaio louro do bico dourado", emblema desse discurso. Com algumas modificações sugeridas pela Banca Examinadora e grandes cortes realizados por minha conta, o livro tem recebido boa acolhida, e sua leitura tem sido efetuada de forma sensível e atenciosa. Parte do segundo capítulo foi inserida na edição crítica de *Macunaíma*, da coleção *Archives*, a convite da organizadora do volume, Telê Porto A. Lopez. Colaborar nessa edição com o ensaio sobre a transformação da pedra muiquitã em "artefato verbal", lida no seu aspecto discursivo, causou-me imensa satisfação. A oportunidade significou não apenas a melhor divulgação do meu trabalho, como o incentivo a uma nova leitura de *Macunaíma*.

A "lição" de *Macunaíma* foi passada em congressos, cursos e debates em sala de aula. A ressonância mais curiosa que a tese suscitou foi o trabalho de Myriam Ávila, *Alice Through Macunaíma's Looking Glass*, dissertação de Mestrado defendida em 1986, na FALE/UFMG. O estudo estabelece a comparação

entre a minha análise de *Macunaíma* e *Alice no País do Espelho*, de Lewis Carroll. Trabalhando com a desmetaforização da linguagem nesse autor e com as múltiplas possibilidades de desconstruir o sentido estereotipado dos signos, sua análise inverte, de forma irônica, a questão da dependência cultural. É a partir de *Macunaíma* que se lê Lewis Carroll, e não o contrário. Confirma, ainda, as afinidades e diferenças que sempre procurava entre os dois autores, quando comparados do ponto de vista da linguagem. Na realidade, o meu *Macunaíma* teve também a marca da leitura de Carroll, via Deleuze. A leitura de Myriam Ávila se apropriou ainda de outros canais de mediação que completaram o meu horizonte interpretativo.

As questões teóricas esboçadas na tese e multiplicadas no trabalho acadêmico ou nas publicações subseqüentes continuam a alimentar minha reflexão: o estatuto do sujeito, da autoria, da escrita e da linguagem. Problematizando essas categorias em outros textos e desvinculando-as de uma dimensão universalista e generalizante, consegui circunscrevê-las num espaço de ambigüidade, marcado pela costura fechada da escrita e pelo livre traçado dos conceitos.